III ENANPARQ

III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva
São Paulo, 2014

EIXO TEMÁTICO:

( ) Ambiente e Sustentabilidade ( ) Crítica, Documentação e Reflexão ( ) Espaço Público e Cidadania
( ) Habitação e Direito à Cidade ( ) Infraestrutura e Mobilidade ( ) Novos processos e novas tecnologias
(X) Patrimônio, Cultura e Identidade

Viagens de Lúcio Costa – Desenho como ferramenta de investigação das raízes da Arquitetura Brasileira

Travels by Lúcio Costa – Drawing as an investigation tool for the roots of the Brazilian Architecture

Viajes por Lúcio Costa – Dibujo como uma herramienta de investigación para las raíces de la arquitectura brasileña

ALESSI, Edilene Silveira (1);

PERRONE, Rafael Antonio Cunha (2)

(1) Arquiteta e pesquisadora integrante do grupo de Pesquisa Projeto, Pesquisa e Ensino, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, FAUUSP, São Paulo, SP, Brasil; email: ealessi@uol.com.br

(2) Professor Livre Docente, Programa de Pós Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, FAUUSP, Programa de Pós Graduação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil; email: racperrone@gmail.com

Viagens de Lúcio Costa – Desenho como ferramenta de investigação das raízes da Arquitetura Brasileira

Travels by Lúcio Costa – Drawing as an investigation tool for the roots of theBrazilian Architecture

Viajes por Lúcio Costa – Dibujo como uma herramienta de investigación para las raíces de la arquitectura brasileña

RESUMO
Lúcio Costa figura chave da arquitetura moderna brasileira e pesquisador incansável, viajou através do Brasil e Portugal à procura das raízes de uma arquitetura nacional. Ao longo de sua vida desenvolve investigação minuciosa do percurso histórico da arquitetura existente do período colonial, tanto na técnica construtiva quanto na sua expressão plástica. Suas viagens às terras portuguesas na tentativa de encontrar vínculos com o que se fazia na colônia, não encontrarão o êxito esperado. As divergências existentes no solo lusitano entre as regiões do norte e do sul, e a mestiçagem das várias culturas dos povos que cá vieram, o faz concluir que, a construção, foi mais obra de artesãos e mestres, necessidades e desejos, do que uma tradição colonizadora da metrópole. Este artigo tenta esquadrinhar através de croquis e anotações, com grande poder de síntese, todo um repertório do período colonial brasileiro. Responsável pelo projeto e diretrizes da preservação do patrimônio histórico nacional (SPHAN) iniciou o que conhecemos como a historiografia arquitetônica brasileira.
PALAVRAS-CHAVE: Lúcio Costa, viagens, desenho

ABSTRACT
Lúcio Costa is a key figure in the context of modern brasilian architecture,and tireless researcher, he traveled through Brazil and Portugal in search of the real roots of a national architecture. Throughout his life he developed a thorough investigation of this historical evolutionary line of the existing architecture in the colonial period, both in construction technique and in its plastic expression. His travels to the Portuguese lands, attempting to find links to what was being done in the colony, did not find the expected outcome. The existing divergences in the Lusitanian, between the northern and southern regions, and mixing of the various cultures of the people who came to Brazil, made him conclude that what was built here, was the work of artisans and masters, needs and desires, rather than the colonizing tradition of the metropolis .This article attempts to scan through its drawings, sketchs and notes, with great power of synthesis, the whole repertoire of Brazilian colonial period. Being responsible for the project and guidelines for the preservation of the national heritage (SPHAN), he started what we have known as the Brazilian architectural historiography.
KEY-WORDS: *Lúcio Costa, travels, drawing*

RESUMEN
Lucio Costa una figura clave de la arquitectura moderna brasileña ,and Incansable investigador, viajó por Brasil y Portugal buscando las verdaderas raíces de una arquitectura nacional. A lo largo de su vida desarrolló una investigación minuciosa sobre esa línea evolutiva histórica de la arquitectura existente del período colonial, tanto de la técnica de construcción como de su expresión plástica. Sus viajes a tierras portuguesas intentaban establecer vínculos con lo que se hacía en la colonia, pero no tuvieron el éxito esperado. Las divergencias existentes en suelo lusitano entre las regiones del norte y del sur, y el mestizaje de las varias culturas de los pueblos que vinieron a Brasil, lo llevaron a concluir que lo que se construye en Brasil es más una obra de artesanos y maestros, de necesidades y deseos, que de una tradición propiamente colonizadora de la metrópoli. Este articulo intenta investigar através de las notas escritas y de sus dibujos y croquis, de gran poder de síntesis, todo un repertorio del periodo colonial brasileño. Responsable del proyecto y las directrices de preservación del patrimonio histórico nacional (SPHAN), inició lo que conocemos como la historiografía arquitectónica brasileña.
PALABRAS-CLAVE: *Lucio Costa, viajes, dibujo*

> Tenho certa dificuldade em escrever, de modo que procuro ser o mais claro possível, sem complicar as coisas, eliminar tudo que não tem importância para ficar um texto mais limpo. É uma tendência minha que vem desde moço, justamente pela dificuldade de redação que eu tinha. Não sou, assim, muito espontâneo. Certas coisas vêm prontas, mas depois é preciso compor aquilo com certo vagar, como quem modela, como quem está planejando um texto: tira isso, põe aquilo, para ficar uma coisa mais coerente, mais clara, límpida e transparente. (LÚCIO COSTA)

Esta declaração com certeza revela uma simplicidade e humildade, que certamente quem conhece os textos escritos por Lúcio Costa – composto de vários artigos publicados em livros e revistas - diria não se tratar da mesma pessoa. Homem de elevada cultura, estudou em colégios da Suíça e Inglaterra. Foi talvez o arquiteto brasileiro que mais e melhor se expressou por meio da palavra escrita. Possuía talento refinado e hábitos simples, foi um poderoso pensador da arquitetura brasileira.

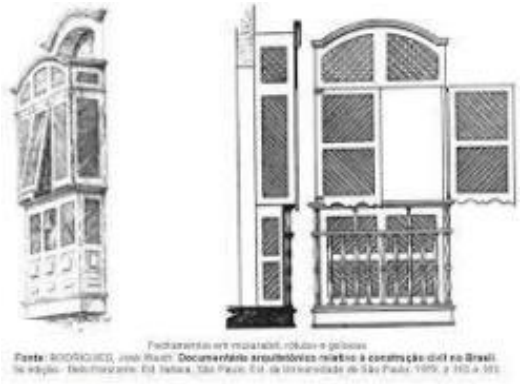
Filhos de pai brasileiros, nasceu em Toulon na França em 1902. Seu pai um engenheiro naval sempre acalentou o sonho de ter um filho artista. Com poucos meses de idade, veio para o Brasil, mais precisamente para o Rio de Janeiro. Retornou à Europa em 1910, permanecendo até 1916. Com 15 anos de idade regressa definitivamente ao Brasil, e em 1917 ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, onde se forma arquiteto.

Sua formação arquitetônica foi tradicional, percorrendo estilos do gótico ao renascimento, para poder atender às demandas dos clientes, edifícios baseados em uma tradição do passado sem vínculos com a realidade do presente. A utilização da chamada arquitetura neocolonial moda na época, tornou-se para ele uma aberração sem sentido, pois aplicava recursos da arquitetura religiosa na civil, segundo ele, "um equívoco chamado neocolonial". Em 1930 é convidado a dirigir a Escola Nacional de Belas Artes, onde por cerca de um ano, procurou imprimir uma orientação onde arte e arquitetura deveriam ser entendidas como forma de cristalização de uma tradição, traçando um percurso na formação de uma nação, e descrevia: "Fazemos cenografia, *estilo,* arqueologia, fazemos casas espanholas de terceira mão, miniaturas de castelos medievais, falsos coloniais, tudo, menos arquitetura." (COSTA,1997,p:68)

Habituado a viajar desde pequeno, e a reconhecer em cada país, em cada região, um modo de vida, uma arquitetura característica, em 1917 em seu regresso ao Brasil denota a ausência de uma proposição para a arquitetura nacional, fruto de um povo cosmopolita e uma miscigenação de raças, que teve grande parte de sua cultura importada e adaptada às nossas terras.

No final da década de 1910, um clima de entusiasmo e exaltação nacional tomaria conta do país, em meio à Primeira Guerra Mundial, e às comemorações do centenário da Independência. Este período marcou as primeiras manifestações em defesa do patrimônio arquitetônico de Minas Gerais, envolvendo nomes como Alceu Amoroso Lima e Mário de Andrade. Ricardo Severo, conhecido engenheiro português e dedicado historicista e pesquisador entre os elos Brasil e Portugal, patrocinou as primeiras viagens de estudo para o pintor e desenhista José Wasth Rodrigues(Fig.1) e o italiano, desenhista, aquarelista, e professor do Liceu de Artes e Ofícios Alfredo Norfini, para colher informações sobre a arquitetura nacional existente.

Figura 1: Diamantina 1918 – Muxarabi– R.da Quitanda-Sacada de torneados



Fonte: Documentário Arquitetônico José Wasth Rodrigues

Por outro lado na Escola de Belas Artes, onde os arquitetos se formavam sem conhecimento algum da cultura artística brasileira, encontra parceria com outro defensor da arte nacional, o médico pernambucano José Marianno da Cunha Filho, que lutava contra o chamado "conservadorismo francês da academia".

José Mariano vai promover uma série de viagens de documentação às cidades históricas mineiras, com objetivo de sistematizar o repertório da arquitetura colonial e montar um catálogo, de forma que os arquitetos brasileiros pudessem utilizá-lo em seus projetos. Para Lúcio Costa, é o início de uma viagem através das verdadeiras raízes do período colonial. Estamos em 1922, e nesse mesmo ano em que se criava a semana de Arte Moderna, excursões são organizadas à Minas Gerais e ao Norte do país para retomar as raízes do Brasil. Em uma entrevista décadas mais tarde Lúcio Costa completaria:

> Em quase todos os países, aqueles arquitetos que se dedicaram à arquitetura contemporânea, principalmente naquela fase de iniciação, desprezaram a arquitetura passada, de um certo modo. E os arquitetos que estudaram a recuperação da tradição, restauro de monumentos antigos, desprezaram o movimento moderno, que estava renovando. (COSTA,1987,p:149)

Na volta de sua viagem à cidade de Diamantina (Fig.2) Lúcio Costa descreve:

Figura 2: Diamantina-1922- Aquarela de Lucio Costa

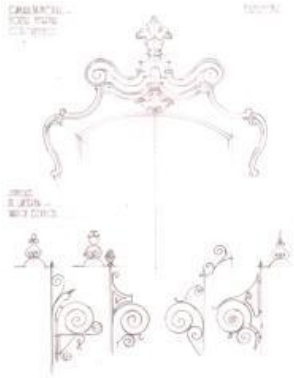
Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Lúcio Costa- Registro de uma Vivência

> Lá chegando caí em cheio no passado no seu sentido mais despojado, mais puro;[...] Foi uma revelação: casas, igrejas, pousada de tropeiros, era tudo de pau-a-pique, ou seja, fortes arcabouços de madeira- esteios, baldrames, frechais – enquadrando paredes de trama barreada, a chamada taipa de mão, ou de sebe;[...] me pus a caminhar pelas *capistranas,* trilha de lajes maiores no meio das ruas empedradas: no alto de uma ladeira os dois sobrados do colégio de freiras, um ainda setecentista, o outro já do Império,

> ligados por um elegante passadiço[...] No último dia, já tarde subi ao campanário para me despedir da cidade e lá fiquei, olhando os telhados, até escurecer. E mal sabia que, 30 anos depois, iria projetar nossa capital para um rapaz da minha idade nascido ali. (COSTA,1995,p:27)

Em 1924, Lúcio Costa viaja novamente para as cidades históricas mineiras, desta vez visitará, Sabará, Diamantina e Ouro Preto. (Fig. 3)

Figura 3: Diamantina – Frontão Câmara Municipal



Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Instituto Antônio Carlos Jobim

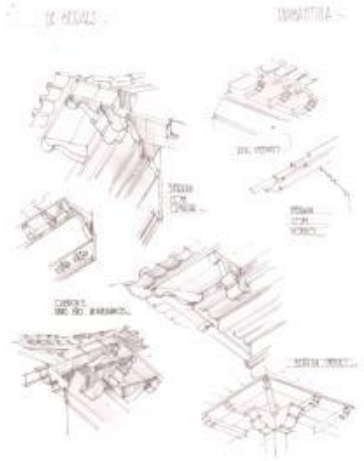
Através destas viagens Lúcio Costa logo constata as discrepâncias do chamado estilo neocolonial, e a realidade simplória das construções de pau-a-pique e chão de terra batida da maioria da população rural. E o que lhe chama atenção é o fato de que "ninguém liga de tão habituado que está", mas para ele, esta é a "coisa legítima da terra". E confessa que suas viagens à Diamantina, Sabará, Ouro Preto e Mariana, trouxeram-lhe muitas surpresas, ao ver um estilo inteiramente diferente do que ele chamou de "colonial de estufa". A leitura do neocolonial empregada até então nos projetos arquitetônicos era tão diversa da realidade existente, a ponto de ser classificada pelo povo de "colonial de invenção".

As coberturas dos edifícios também lhe chamaram atenção, não só pela técnica mas pelo desenho, e mais tarde em seus projetos Lúcio Costa se utilizaria destas memórias, fazendo uma correspondência entre o novo e o antigo: "Os telhados que de traçado tão simples no corpo principal, se esparramavam depois para ir cobrindo – como asa de galinha – [...] conservando sempre o *galbo* inconfundível do telhado português"[...]. (COSTA, 1995,p:459)

Por meio de detalhados desenhos procurou entender todo o processo construtivo de cada edificação e suas peculiaridades específicas para cada caso: (Fig.4)

> Tanto a taipa de pilão – barro socado entre taipais de madeira – quanto a de sebe ou pau-a-pique – trama de madeira barreada à mão – exigem proteção contra a cortina de água despejada dos telhados, daí a necessidade de grandes beirais que não visavam primordialmente defender do sol, mas da chuva[...].(COSTA,1995,p:498)

Figura 4- Diamantina- detalhes dos beirais



Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Instituto Antonio Carlos Jobim

Segundo ele, estudar mais de perto este tipo de construção para evitar a repetição de novos erros:

> [...] seria a oportunidade de servir-se dela como material de novas pesquisas, e também, para que nós outros, arquitetos modernos, possamos aproveitar a lição da sua experiência de mais de trezentos anos, de outro modo que não esse de lhe estarmos a reproduzir o aspecto já morto. (COSTA ,1995,p:458).

O fato de olhar e respeitar o passado colonial como forma de aprendizado, será um dos pontos fortes da arquitetura de Lúcio Costa, que não somente levará este repertório, mas o recriará de forma totalmente nova, mas sem perder as origens.

Em 1926, Lúcio Costa partiu para uma viagem pela Europa, de onde só retornaria um ano depois. De volta ao Brasil em 1927, faz outra viagem a Minas Gerais onde visitará Sabará, Mariana e Ouro Preto (Fig.5/6) se recuperando de uma convalescença que duraria três meses: "Em 1927 passei cerca de um mês no Caraça. No último dia do ano, com o jumento resvalando nas pedras soltas da serra, desci até Catas Altas do Mato Dentro para visitar a rica matriz."(COSTA, 1995,p:519)

Figura 5: CARAÇA: Desenho Lúcio Costa - Detalhes da Igreja Matriz Catas Altas Mato Dentro

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Instituto Antonio Carlos Jobim

Figura 6: CARAÇA: Desenho de Lúcio Costa - Convento de padres onde se hospedou

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Instituto Antonio Carlos Jobim

Quanto a arquitetura das construções de igrejas e conventos Lúcio Costa observa:

> [...] lado a lado com o despojamento pessoal dos religiosos, prevalecia o propósito de querer sempre aplicar o que fosse de melhor, mais rico, sem poupar esforços e sacrifícios, num esbanjamento material paradoxalmente legítimo porque em honra e louvação de uma simples ideia, de uma profunda convicção do espírito. (COSTA,1995,p:518)

O legado construtivo dos padres da Companhia de Jesus, (Fig.7/8) fruto de dois séculos de trabalhos penosos, formam um quadro significativo da arquitetura colonial. Devido às suas relações com a metrópole, material e mão de obra de artesãos eram enviados à colônia para a construção de igrejas e capelas. Mas, apesar da existência de modelos ou "riscos" como eram chamados os desenhos na época, cada região colonizada desenvolveu de forma igual ou diferenciada da província, sua própria moda, como disse Lúcio Costa: "pois que houve várias - foram sempre *brasileiras".* (COSTA,1995,p:456)

Figura 7: Desenho Lúcio Costa Igreja do Carmo - Mariana

Figura 8: Desenho Lúcio Costa - Igreja do Carmo Ouro Preto

Fonte: Desenhos do Autor a partir de imagem: Instituto Antonio Carlos Jobim

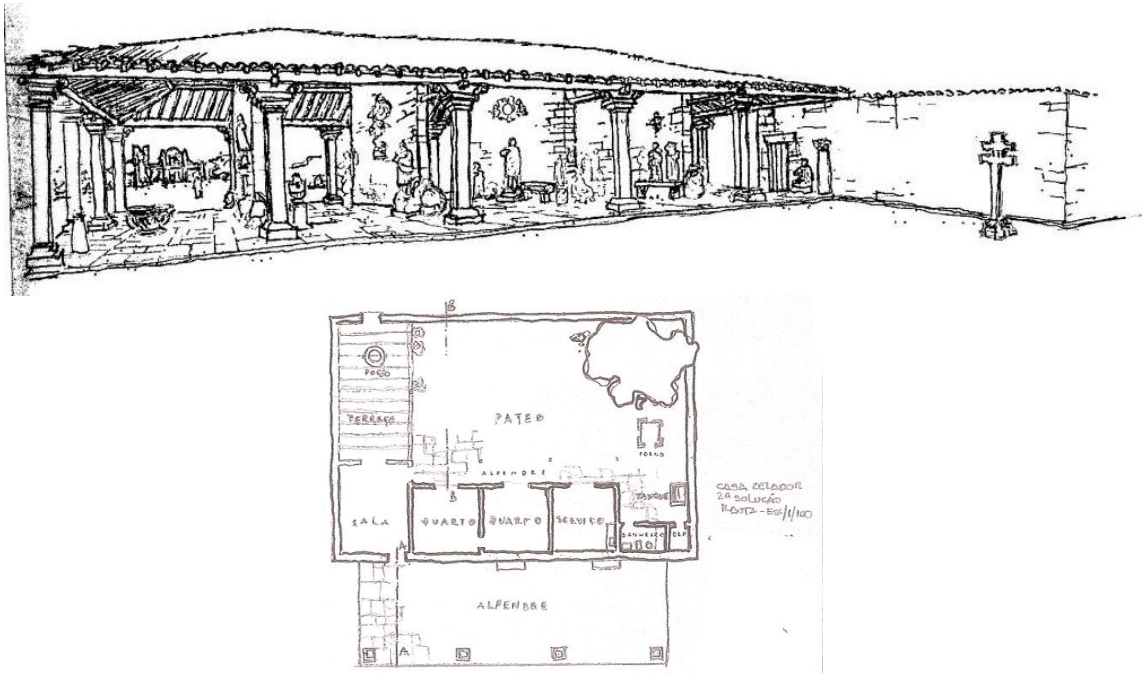
Lúcio Costa volta à cidade do Rio de Janeiro em 1930 para assumir a direção da Escola Nacional de Belas Artes, e surpreende a todos ao romper com o movimento neocolonial e apesar de ficar apenas um ano, sua reforma marca profundamente as diretrizes dos caminhos das artes e da arquitetura no Brasil.

Em 1937 é criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) por Rodrigo Mello Franco de Andrade que convida Lúcio Costa para trabalhar como diretor da Divisão de Estudos e Tombamentos (DET). Cargo que ocuparia desde o início até se aposentar em 1972. Deve-se ao arquiteto a definição de normas e critérios para tombamentos do patrimônio arquitetônico brasileiro. E nesse período viaja para conhecer e restaurar no sul do Brasil, os chamados Sete Povos das Missões, que embora pertencendo à Província Jesuítica do Paraguai, ficou encravada em território nacional, e Lúcio Costa relata:

> Os jesuítas revelaram-se nestas missões, urbanistas notáveis, e a obra deles tanto pelo espírito de organização, como pela força e pelo fôlego, faz lembrar a dos romanos nos confins do império. (COSTA, 1995,p:490)

O sítio arquitetônico foi desmontado peça por peça, e reconstruído. Aproveitando-se do material das próprias ruínas, o arquiteto projetou uma nova construção destinada ao Museu para abrigar as peças do período, e a casa do zelador em uma área murada ao fundo, de modo que o visitante entre em contato apenas com sítio histórico. E providenciaria também para entendimento do visitante, esquemas e mapas, detalhando o modo de vida, trabalho e organização das Missões. (Fig.9)

Figura 9: RIO GRANDE do SUL - Sete Povos das Missões- Perspectiva e Planta Baixa



Fonte: Desenho do Autor a patir de imagem: Lúcio Costa – Registro de uma Vivência

Em 1948 Lúcio Costa faz sua 1º viagem para Portugal, com a esposa e duas filhas:

> [...] arquitetura regional autêntica têm suas raízes na terra [...] ao passo que aqui a arquitetura já veio pronta e embora beneficiada pela experiência africana e oriental do colonizador, teve de ser adaptada como roupa feita, ou meia confecção, ao corpo na nova terra. (COSTA,1995,p:451)

Com este pensamento ele viaja sob licença a serviço do Patrimônio, na esperança de encontrar as raízes do colonial brasileiro. Suas impressões da metrópole serão colocadas em um documento "Introdução a um relatório", onde suas qualidades de ensaísta e mesmo historiador irão relatar a sua experiência, e o objetivo não alcançado de encontrar vínculos formais entre colônia e a metrópole. Viajando em Portugal, (Fig.10) ele constataria que havia muitas diferenças entre as próprias regiões dentro do país, principalmente entre o norte e o sul, devido à influência das civilizações que por lá passaram:

> Da Beira Baixa, ou cintura do país, para com, prevalece o contraste da pedra com caiação, como no Entre-Douro e Minho, senão o mesmo emprego exclusivo do granito em grandes blocos toscos ou aparelhados como ocorre na Beira-Alta e Trás-os- Montes[...].(COSTA,1995,p: 452)

Figura 10: Croqui Lúcio Costa – Casa região norte

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Lúcio Costa- Registro de uma Vivência

Foto da Casa Transmontana Antiga

Fonte: www.fotos.sapo.pt Autor da foto: Pluto

E observa também os desenhos e as inclinações dos telhados (Fig.11)

> O ponto, ou seja, a inclinação dos telhados de tacaniça - quatro águas- é geralmente amortecido graças ao recurso chamado "contrafeito", que é um pequeno caibro complementar destinados a adoçar ponto e dar maior graça ao telhado na aproximação dos beirais." (grifo autor) (COSTA,1995,p:452)

Figura 11 – Croqui Lúcio Costa - Telhados

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem : Lúcio Costa - Registro de uma Vivência

Foto de telhados portugueses

Fonte: www.commons.wikimedia.org

Ele coloca que na região de Estremadura, Lisboa e Ericeira, este detalhe da "graciosa concavidade" do telhado se acentua mais ainda, é uma característica típica de telhados portugueses, pois não existe em nenhum outro país mediterrâneo. Segundo Raul Lino, arquiteto português: "Nunca o telhado assenta sobre as paredes, com a dureza geométrica usada noutras terras". (LINO,1929,p:58) E argumenta que este tipo de cobertura expressa a individualidade da arquitetura portuguesa.

Da região de Lisboa para baixo, a arquitetura alentejana é de taipa e tijolo muito bem caiada em branco, e os telhados com uma só água retos e desempenados, as fachada alinhadas com a rua. (Fig.12)

Figura 12: Croqui de Lúcio Costa – casa do sul

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Lúcio Costa - Registro de uma Vivência

Foto Casas Região do Alentejo

Fonte: www.fotos.sapo.pt Autor da foto - Odiana

Em suas viagens de norte a sul do país, Lúcio Costa observou outra singularidade, a forma de utilização das chaminés, característico de cada região.

> [...] numa dessas viagens entrei por cima, por Trás-os-Montes, vindo da Espanha, à tarde. Lembro que havia uma estrada, no alto, dominando o vale. E eu via lá embaixo, as casas, as aldeias, com os telhados fumegando. E eram telhados que não tinham chaminé. E no sul, que é a parte mais quente, tinham chaminés enormes. Esse é o contraste [...] Então vi esses telhados fumegando e me deu aquela ideia: lá em são Paulo essas casas não têm chaminés, são telha vã, de modo que ficava saindo fumaça pelas frestas das telhas [...]. (COSTA,1987,p:152)

Fazendo uma leitura desta arquitetura local, ele relaciona a casa transmontana do norte, com apenas um cômodo, um grande salão, onde de um lado fica o fogo que aquece toda a casa, como os ranchos de feitoria coloniais brasileiros (precursores das casas bandeiristas) onde o fogo está no centro de um salão todo alpendrado, e também da grande oca indígena.

E finalmente no extremo sul de Portugal, situa-se a região do Algarve (Fig.13): "[...] com suas chaminés circulares com seus caprichosos coroamentos amouriscados." (COSTA,1995,p:452)

Figura 13: Croqui Lúcio Costa de Chaminé

Fonte:Desenho do Autor a partir de imagem: Lúcio Costa - Registro de uma Vivência

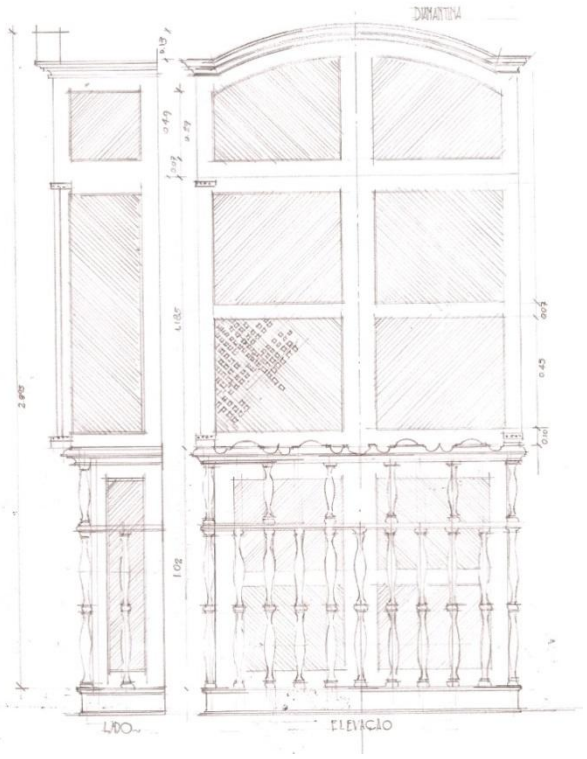
Foto de Chaminé em Algarve

Fonte: www.aesquinadatecla.blogspot.com Autor da foto: Luísa

Outro elemento constante na arquitetura portuguesa, absorvido da cultura dos povos do mediterrâneo, e também trazido para a colônia, é o muxarabi. O engenheiro Roberto Severo na procura de elementos que valorizem e tragam embasamento para a importância do legado lusitano nas terras brasileiras, fala da "*gelosia ou rótula"*, em Portugal também chamada de "*adufa",* que foi perfeitamente adaptado ao nosso clima. (Fig.14)

> [...] é sumariamente o modelo que os romanos empregaram coma designação de *transenna,* em tudo semelhante às adafas árabes e aos moucharabies do Cairo. É o anteparo, vazado como um crivo de madeira,[...] com o fim de resguardar a casa do sol, e para ver de dentro, sem ser visto de fora." (SEVERO,2007,p:138)

Figura 14: Diamantina - Muxarabi- Desenho Lúcio Costa

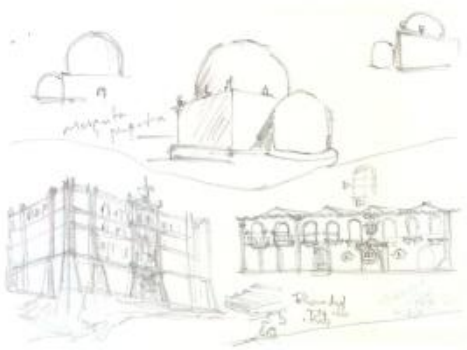


Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Lúcio Costa – Registro de uma Vivência

Em 1952 por motivos pessoais ele volta com a família para a Europa mais precisamente na Suíça, onde deixa sua esposa e filhas, e parte para Portugal. Desta vez ele desenharia Portugal de norte a sul, na tentativa de constatar a existência de um vocabulário comum entre os dois lados do Atlântico. Produziria então 5 bloquinhos de desenhos em um total de 300 folhas, talvez o maior levantamento da arquitetura portuguesa. Estes cadernos ficaram esquecidos por mais de cinquenta anos quando sua filha Helena os encontrou no apartamento de Lúcio Costa após seu falecimento em 1998. Os desenhos aqui apresentados, são ilustrações do folder da primeira mostra destes desenhos: A Arquitetura Portuguesa no traço de Lúcio Costa – exibida no Rio de Janeiro no Centro Cultural CAIXA - de 26 de junho a 5 de agosto de 2012.

Podemos observar o desenho singular da capela da cidade do Porto, norte de Portugal, que levou Lúcio Costa denominá-la *mesquita* (Fig.15 a/b/c/d)

Figura 15a :PORTO -Vila do Conde- Capela N. Senhora do Socorro séc. XVII



Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Folder Exposição 2012

Figura 15b: PORTO - Foto Capela (vista externa)

Fonte: www.commons.wikimedia.org Autor da foto: Nmmacedo

Figura 15c: PORTO – Foto do Mosteiro de Santa Clara séc. XIII (vista externa)

Fonte: www.commons.wikimedia.org Autor da foto: Antonio Amen

Figura 15d : PORTO – foto do Solar do Vasconcelos séc. XVIII – (vista externa)

Fonte: www.commons.wikimedia.org Autor da foto: Nmmacedo

Croquis da torre de São Pedro dos Clérigos, um dos edifícios símbolos do Porto. (Fig.16 a/b/c)

Figura 16a: PORTO – Igreja dos Clérigos séc. XVI

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Folder Exposição 2012

Figura 16b: PORTO – Igreja (vista externa)

Fonte: www.commons.wikimedia.org Autor da foto: Béria Lima

Figura 16c: PORTO - Cúpula interna da Igreja

Fonte: www.wikimapia.org Autor da foto: mmsm

Na região do Alentejo, centro do país, encontra-se Évora, membro da Rede de cidades europeias mais antigas. Seus arcos e colunas chamaram atenção de Lúcio Costa. (Fig.17a/b)

Figura 17a: ÉVORA – Igreja Santo Antão séc.XIV

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem: Folder Exposição 2012

Figura 17b :Foto Interna da Igreja

Fonte: www.igespar.pt : Instituto de Gestão do Patrimônio Arquitectônico e Arqueológico de Portugal

Os monumentos e edifícios de Portugal são revelados através de seus croquis feitos em grafite com traços curtos e contidos. Frontões, curvas, molduras e sobreposições, nada escapa ao seu olhar atento e minucioso. Quando o desenho não fica claro o suficiente, devido aos inúmeros arabescos, anotações explicativas surgem no rodapé ou nas laterais das folhas, desenha em uma escala maior, sombreia, reforça o traço, mas não perde a informação que julga importante. (Fig.18 a/b/c/d)

Figura 18a: BRAGA – Igreja Santa Maria Madalena - Falperras séc. XVIII

Fonte: Desenho do Autor a partir de imagem:Folder Exposição 2012

Figura 18b :BRAGA – Foto da Fachada Igreja

Fonte: www.pt.wikipedia.org Autor da foto: José Gonçalves

Figura 18c: BRAGA –Foto do Pórtico em cantaria

Fonte: www.commons.wikimedia.org Autor da foto: Paulo Matos

Figura 18d : BRAGA – Foto escadaria da Igreja de Braga

Fonte: www.fugas.publico.pt Autor da foto: Nelson Garrido

Observando estes esboços, pode-se entender seu método de compreensão da arquitetura produzida e sua intenção de entrever as raízes e as contaminações que poderiam ter gerado arquiteturas no solo brasileiro.

Estes riscos que ficaram "escondidos" na privacidade de sua casa, constituem uma prova da construção de um acervo íntimo pelo qual intentou refletir sobre a existência das soluções aqui estabelecidas. Seus desenhos não só formaram um repertório descritivo, mas guardam a memória de um "construir" material, cultural e social.

Para Lúcio Costa: "Risco é desenho não só quando quer *compreender* ou *significar,* mas '*fazer*', construir. (COSTA, 1995,p:242)

REFERÊNCIAS

COSTA, Lúcio. Lúcio Costa Registro de uma Vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

LINO, Raul. A Casa Portuguesa. Portugal, Exposição Portuguesa em Sevilha. Lisboa: Escola Tipográfica da Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.

MELLO, Joana. Ricardo Severo: Da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira. São Paulo: Annablume,2007 .

REVISTA PROJETO . São Paulo: Vicente Wissenbach,104,outubro,1987.170p.Lúcio Costa: a vanguarda permeada com a tradição - entrevista a Hugo Segawa.

REVISTA TEMPORALIDADES.Minas Gerais: História da UFMG, vol.3 n.1. janeiro /julho 2011. O olhar de Lúcio Costa para os telhados portugueses.

RODRIGUES, José Wasth. Documentário Arquitetônico. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo,1979.

WISNIK, Guilherme. Guilherme Wisnik: Lúcio Costa. São Paulo: Cosac Naify,2001.